

## Apresentação

Maria Leandra Bizello

**Como citar:** BIZELLO, M. L. Apresentação *In* : MADIO. T. C. C.; MACHADO, B. H.; BIZELLO, M. L.(org.). **Desafios na identificação e organização de fotografia**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2022. p. 9-14  
DOI:<https://doi.org/10.36311/2022.978-65-5954-277-2.p9-14>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

# APRESENTAÇÃO

A fotografia é um documento de arquivo. Esse é o fio condutor deste livro e sobre o qual o leitor caminhará. Este fio condutor levará o leitor para duas vias: Reflexões e Vivências, elas refletem, por sua vez, como observou Philippe Dubois<sup>1</sup> a diversidade de abordagens, do pensamento e da prática da fotografia.

A abordagem privilegiada, nesse caso, é a da arquivologia, ou ainda, uma abordagem interdisciplinar que contempla a fotografia como documento de arquivo relacionada a ciência da informação, a diplomática, a história, a sociologia, a linguística, a tecnologia. Esta interdisciplinaridade, não está tão somente na via das Reflexões, ela também é aspecto presente na via das Vivências. Há, então, uma tessitura criada por cada autor no sentido de proporcionar um amplo campo do conhecimento sobre o fotográfico, é, afinal, dele que se fala, escreve, lê, pratica.

Um dos muitos legados que ainda temos do século XIX é a fotografia. No século XX, houve um intenso desenvolvimento tecnológico da fotografia com máquinas fotográficas mais leves, menores, os suportes para negativos e positivos se transformaram de maneira incrível até o suporte digital, as câmeras fotográficas e de vídeo foram acopladas aos celulares. O desenvolvimento tecnológico como o de lentes, por exemplo, ampliou o uso da fotografia para todas as áreas do conhecimento. Da antropologia até a medicina a fotografia expandiu e modificou a visualização das coisas,

---

<sup>1</sup> DUBOIS, Philippe. De l'image-trace à l'image-fiction. Le mouvement des théories de la photographie de 1980 à nos jours. *Études photographiques* [En ligne], 34 | Printemps 2016, mis en ligne le 01 juin 2016, consulté le 19 avril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/etudesphotographiques/3593>.

das pessoas, dos acontecimentos, das populações e de seu cotidiano. Proporcionou novas maneiras de ver e conhecer.

A intensidade do uso das câmeras fotográficas produziu inúmeros registros que acumulados geraram coleções e compuseram fundos de arquivo, pessoal ou institucional. No entanto, e apesar da relação estreita estabelecida com a imagem fotográfica, ainda assim ela é tratada com estranheza nos arquivos.

Por outro lado, sempre houve um fascínio, talvez um fetiche pela imagem do passado. Essa relação ambígua, arquivo - fotografia, teve como primeira preocupação o suporte: os negativos de vidro, os papéis fotográficos, as películas dos negativos; todos especiais por serem materialmente diferentes do papel, suporte dos documentos manuscritos e impressos. Portanto, mereciam um tratamento diferente por causa de sua materialidade, visando muitos mais um empenho para sua preservação e/ou restauração.

No entanto, a presença cada vez maior da fotografia nos arquivos, em fundos e coleções, proporcionou outras possibilidades de reflexão e prática sobre o seu tratamento arquivístico. O aprofundamento das reflexões se desloca da materialidade para a compreensão da imagem fotográfica a fim de torná-la acessível para pesquisadores e cidadãos. Esse movimento está nessa obra que tem como principal característica a multiplicidade de olhares sobre a fotografia como documento de arquivo e no campo da arquivologia.

Apresento o caminho traçado nessa coletânea salientando que os textos foram escritos exclusivamente para essa obra e refletindo a temática proposta pelos organizadores. No entanto, o leitor observará a liberdade conferida a cada autor e autora para refletir sobre o tema.

A primeira parte, Reflexões, diz respeito ao pensar a fotografia nos arquivos de maneira interdisciplinar. Os textos de Ana Cristina de Albuquerque e André Malverdes discutem a fotografia na perspectiva da Ciência da Informação em sua relação com a Arquivologia ampliando-as sem a perda de aspectos consistentes de cada uma delas.

Consolidando a presença da fotografia nos acervos e a necessidade de tratá-la igualmente aos documentos manuscritos e impressos no que se refere à gestão de documentos, os textos de Aline Lopes de Lacerda, Bruno de Andrea Roma e Izângela Maria Sansoni Tonello e Regina Aranda da Cruz Galo avançam significativamente nessa discussão. Aqui incluo o percurso intelectual traçado, por Bruno Henrique Machado e Telma Campanha de Carvalho Madio, da compreensão que os manuais de arquivos tinham e ainda tem da fotografia como documento de arquivo.

André Porto Ancona Lopez e Sonia Troitiño em seus textos debatem o contexto e o percurso da produção de documentos fotográficos e refletem sobre a veracidade e autenticidade assim como o seu uso em outras temporalidades. A questão do contexto perpassa ainda outros textos, sob diferentes perspectivas, como a de Anna Carla Almeida Mariz e Roberta Pinto Medeiros, Marcelo Nogueira de Siqueira. Nessa interlocução, somam-se as relações da fotografia com o tempo presente, sobretudo a pandemia da COVID-19, a subjetividade e a memória.

As contribuições de Rubia Martins e Miriam Paula Manini alargam a fronteira da arquivologia com o direito, ao refletir sobre os direitos autorais, de imagem e liberdade de expressão, temas sempre muitos delicados e sensíveis para fotógrafos e usuários de imagens fotográficas; e o revisitar a história da fotografia via a tecnologia, Miriam Manini nos apresenta uma outra perspectiva da gênese fotográfica.

Na segunda parte, *Vivências*, os autores debruçam-se sobre experiências e práticas com o documento fotográfico em instituições que tradicionalmente preocupam-se não apenas com a restauração/preservação da materialidade fotográfica mas investem no conhecimento e prática no tratamento arquivístico das fotografias em seus acervos: Fabiana Costa Dias e Roberta Mociaro Zanatta apresentam o conhecimento e as práticas de descrição que desenvolveram no Instituto Moreira Salles, instituição que tem a fotografia como um campo teórico e prático com abordagem interdisciplinar reconhecida internacionalmente; Laura Maria Del Mar Lourenço relata sobre o banco de imagens brasileiras da Pulsar Imagens, destacando sua experiência no gerenciamento das imagens, ponto de confluência entre a arquivística e a informática.

A organização e tratamento de fotografias são preocupações de outros três artigos: o de Elisabete Marin Ribas, do Instituto de Estudos Brasileiros da USP, explana sua experiência com fotografias em arquivos pessoais; André Malverdes e Geovane José de Oliveira debruçam-se sobre o acervo fotográfico da Biblioteca Doutor Eduardo Durão Cunha; e temos ainda a narrativa de Cristal Magalhães da Rocha que relata seu trabalho como arquivista no acervo do Estadão mais especificamente com as folhas de contato fotográfico. É um relato que permeia aspectos do fotojornalismo e da arquivologia, combinando-os, acentuando questões práticas com as quais todos nós nos deparamos algum dia, quando trabalhamos com fotografias em s acervos.

O ambiente digital está evidente como cenário de fundo de quase todos os textos, e nos é apresentado em Vivências, de maneira incontornável, em experiências e reflexões que nos mostram o quanto a fotografia e a arquivologia estão intrinsecamente ligados: Ana Carolina Simionato Arakaki apresenta o *DILAM app* desenvolvido para imagens de acervos das unidades de informação, arquivos, bibliotecas e museus; o fotojornalista Marcos Issa traça uma importante perspectiva histórica da fotografia digital, que se difundiu e dominou a produção de fotografias individuais, coletivas e institucionais; Sérgio Ranalli parte de sua prática como fotojornalista e nos faz conhecer a relação do fotógrafo com o acervo que constrói ao longo de sua vida profissional, sobretudo o trabalho com a fotografia digital; Rubens Ribeiro Gonçalves da Silva nos apresenta o percurso de trabalho desenvolvido em um arquivo pessoal muito peculiar, de diapositivos e negativos em 35mm com reflexão sobre a digitalização mas sobretudo o caminho percorrido da organização à preservação.

O leitor perceberá que a divisão Reflexões e Vivências é meramente didática. Os textos refletem sobre as vivências e experiências, o trabalho manual estimula o pensar e o refletir. A prática não está destituída de forte e densa reflexão e análise, não é um ato mecânico. A divisão entre trabalho manual (separar fotografias, empregar técnicas de restauração e preservação) e o trabalho intelectual, cai por terra nos textos dessa coletânea. O que temos aqui é a interdisciplinaridade, a minuciosa tessitura do fazer e do pensar.

Finalizo essa apresentação, prestando homenagem à Miriam Paula Manini, como amigas que fomos no Programa de Pós-Graduação em Multimeios na Unicamp nos anos 1990. A amizade sempre renovada nos encontros em congressos, conferências e reuniões. Sua atuação nos campos dos conhecimentos fotográfico, cinematográfico, arquivístico, sempre foi reconhecida, assim como sua competência como professora, pesquisadora, influenciando muitas gerações. Cedo partiu, ficamos consternados, mas a seguir, nos fortalecemos na leitura de seus textos, na reflexão refinada de seu legado intelectual e militante.

Enfim...deixo ao leitor/leitora uma citação do autor muito caro à Miriam Manini e a todos nós que amamos fotografia, Roland Barthes, em a Câmera Clara: “No fundo a Fotografia é subversiva, não quando aterroriza, perturba ou mesmo estigmatiza, mas quando é pensativa”.

*Maria Leandra Bizzelo*

